



ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE A HISTÓRIA LOCAL A PARTIR DA PESQUISA DE CAMPO COM IMIGRANTES: CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA ORAL

Rutemara Florencio*

INTRODUÇÃO

Muito se tem falado sobre a importância dos saberes que alunos e professores trazem para a convivência escolar, sendo esses interferentes no modo como ambos os sujeitos constroem novos conhecimentos a partir daquilo que lhes é oferecido como fontes (material didático, filmes, imagens, entre outros) dentro das salas de aula. Realmente, podemos comprovar que, representações dos sujeitos sobre os objetos (sejam eles quais forem) tem um certo “poder” de regular o modo como o ensino e a aprendizagem são organizados e construídos (FLORENCIO, 2011).

No entanto, apesar dos sujeitos envolvidos no ambiente escolar possuírem e interpretarem o mundo através de representações oriundas dos mais diversos grupos aos quais participam em suas Jornadas, a escola é um local onde essas representações também são construídas e reconstruídas mediante o processo de escolarização. Ou seja: sujeitos escolares trazem suas visões de mundo que, na escola, podem sofrer transformações resultando assim, em novas formas de ver a realidade, ou, em outras palavras, podem ressignificar a realidade na qual se inserem. (SCHMIDT & CAINELLI, 2009)

Consideramos então, que a ressignificação da realidade (diante de um cenário onde se busca aceitar, acolher e tolerar aquilo que é diferente ou não é conhecido pelo sujeito), se torna fundamental para mudança de comportamento dos indivíduos diante da realidade e, não apenas isso, conforme analisa Xavier (2009:100) ao enfatizar que o trabalho com a memória que marca a educação escolar faz com que os alunos “aprendam a ler sua própria experiência por meio do estudo e pelo conhecimento da experiência dos outros (...)”. A autora faz essa observação no sentido de que, no ambiente da escola, onde gerações passam e constroem conhecimentos deixando impressa uma história, se faz necessário que haja uma valorização pedagógica tanto do passado quanto do presente da sociedade humana. Tal pressuposto, auxilia os alunos a “tornarem-se capazes de desnaturalizar a sua própria experiência, adquirindo instrumentos passíveis de propiciar uma visão crítica do momento presente (...) (Xavier 2009:100). Assim, entendemos que, a escola é um lugar onde os conhecimentos se encontram e se transformam,

* Professora de História da Rede Pública SEED/RR; Mestre em Educação (UNESA).

mudando comportamentos e visões de mundo de modo a favorecer relações sociais mais tolerantes e menos preconceituosas.

Se a escola é um lugar, por excelência, que age como transformadora dos sujeitos através da construção de conhecimentos (principalmente os científicos) e, que, valoriza o conhecimento que esses trazem de suas vivências, logo, cabe as disciplinas escolares organizar, escolher e refletir sobre os conteúdos que vão potencializar o aprendizado de seus agentes (alunos e professores, especialmente) e, considerar as necessidades dos alunos permitindo que esses se voltem ao passado que faz parte da identificação dos outros e de si mesmos no presente. Tal atribuição, damos a uma disciplina em especial: História e, obviamente, no âmbito da interdisciplinaridade, também às ciências sociais.

Sendo a disciplina de História detentora de tão importante objetivo que é o de propiciar aos alunos e professores refletirem sobre as relações entre passado/presente e futuro, este trabalho se propõe a apresentar algumas percepções dos alunos de duas turmas de Ensino Médio, 3º ano de uma escola pública da cidade de Boa Vista (RR) sobre um trabalho de pesquisa de campo que fizeram tratando do tema migrações na história do estado. Buscamos com a pesquisa organizada após o término do trabalho que durou todo ano letivo de 2016, evidenciar o que os alunos pensam a respeito da prática de pesquisa de campo na disciplina de História como também o que aprenderam fazendo a pesquisa através da metodologia da história oral. Na análise dos dados, utilizamos a teoria da aprendizagem histórica condicionada a consciência histórica, discutido por Jörn Rüsen (historiador e filósofo alemão) e divulgado no Brasil por Maria Auxiliadora Schmidt, os quais ressaltam que o conhecimento do passado, através de sua interpretação, serve como referência na compreensão do presente como também dá subsídios para esperar o futuro.

A IMPORTANCIA DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA NA ESCOLA E NA SOCIEDADE

Quando abordamos a disciplina de História, devemos enfatizar a importância que essa ciência possui na construção de uma visão crítica da realidade a partir da escola, uma vez que é lá que ela se “populariza”. É evidente, porém, que a História, como ciência, depende na escola, do professor que dela se servirá para ensinar (não no sentido de impor, mas, de ser o agente responsável pela organização do conteúdo e liderança na exposição dos fatos narrados pelos historiadores). Ao professor, cabe o papel de organizar a maneira como o conhecimento

histórico escolar sobre História vai acontecer e, nesse sentido, afirmamos que o mesmo tem o papel fundamental na condução do trabalho escolar. De acordo com Schmidt & Cainelli (2009: 54) no ensino de História é fundamental tomar “a experiência do aluno como ponto de partida para o trabalho com os conteúdos, pois é importante que também o aluno se identifique como sujeito da história e da produção de conhecimento histórico”. Nesse sentido, tanto os professores quanto o material didático disponível devem atender a prerrogativa de que a História é feita por todos os seres humanos e que suas vivências são importantes e contributas nessa construção.

Ao considerarmos que a História é construída por todos os seres humanos destacamos que, ao se tratar de metodologia e escolha de conteúdo, existe a necessidade de ambas serem adaptadas aos interesses daqueles que integram o ambiente escolar, primordialmente o alunado e dessa forma, valorizar aquilo que a disciplina de História objetiva, segundo as orientações curriculares para o Ensino Médio nas Ciências Humanas, capítulo 3 (2006: 67): “(...) o ensino de História, articulando-se com as outras disciplinas, busca oferecer aos alunos possibilidades de desenvolver competências que os instrumentalizem a refletir sobre si mesmos”. Podemos dizer que, para além da possibilidade de reflexão individual, a disciplina e o ensino aprendizagem de História “busca explicar tanto as permanências e as regularidades das formações sociais quanto as mudanças e as transformações que se estabelecem no embate das ações humanas.” (*Idem*, 2006:73)

Soares (2008: 101) chama atenção para o fato dos alunos poderem, através do ensino de história, utilizar “(...) determinados conceitos da história e das ciências humanas como ferramenta simbólica para superação de determinados processos de alienação, ainda presentes em nossa sociedade”. O autor, admite assim, que a disciplina de história na escola é detentora de grande responsabilidade na formação crítica dos sujeitos favorecendo mudanças concretas em suas realidades. Para isso, diz ele, é importante que o professor se posicione a respeito do currículo, da historiografia disponível e faça escolhas que contemplem os objetivos gerais da disciplina.

As escolhas que nós, professores de História, fazemos em relação aos conteúdos e metodologias que fundamentam o ensino da disciplina na sala de aula possuem intencionalidade já que, sabemos que o conhecimento não é neutro e que, somos fruto de um contexto social, político, econômico e cultural. Ao partir desse pressuposto, procuramos eleger conteúdos que

se identifiquem com o contexto ao qual alunos e professores se inserem, como é o caso da história local.

HISTÓRIA LOCAL, IDENTIDADES E ENSINO DE HISTÓRIA

Em se tratando da história local, que faz parte deste trabalho sobre ensino e aprendizagem da disciplina de História, consideramos oportuno trata-la como ponto fundamental do currículo uma vez que, o “ser cidadão” perpassa pelo conhecimento da localidade na qual o indivíduo se insere e também na valorização do mesmo, resultando em práticas sociais importantes para a convivência entre pessoas e culturas diferentes. Além disso, a abordagem da história local se relaciona com a formação de identidades pois, a história envolve ações humanas, práticas culturais e modos de vida que constroem significados aos territórios, fazendo com que os sujeitos se apropriem, simbolicamente, de objetos que os liguem a aquele espaço.

Kathryn Woodward (2007: 11), ao falar sobre a formação de identidades, diz que “Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos”. A autora faz essa constatação a partir de pesquisas com pessoas que evocam o passado para ancorar a nacionalidade a qual pertencem. Poderíamos dizer (lembrando da teoria das representações sociais de Serge Moscovici 1925-2014) que nesse contexto, a representação do ser brasileiro ou roraimense, por exemplo, estaria ancorada nas narrativas históricas que constroem o país e, nesse caso, o estado de Roraima.

Quando escolhemos o estado de Roraima como objeto de estudo na disciplina de História, estamos considerando a questão curricular da História Local uma vez que, conhecer a história e os processos constitutivos das relações sociais da região onde se vive é fundamental na construção tanto de identidades quanto da cidadania. Tanto a questão identitária quanto a do ser cidadão passam pela formação escolar principalmente na área das ciências humanas e sociais pois, são orientadas de acordo com a opção dada pelo currículo. No entanto, dentro das modalidades da educação básica, a história local se insere, curricularmente, nos primeiros anos de escolarização e não é prevista para Ensino Médio. Dessa forma, ao elegermos a História de Roraima como conteúdo a ser trabalhado no 3º ano do Ensino Médio o fizemos devido a uma necessidade identificada entre os próprios alunos que disseram desconhecer características de formação social, política e econômica do estado onde nasceram e estão se desenvolvendo.

Ao diagnosticarmos que os alunos pouco sabiam (ou sabem) a respeito da história de Roraima além de desconhecerem questões ligadas aos processos de construção histórica do local além da participação de outros sujeitos históricos que não apenas políticos, tornou-se possível planejar a inserção de um recorte temático (após a abordagem dos principais aspectos da história geral do estado) e, a partir dele, construir um projeto de pesquisa que inserisse o aluno como pesquisador que vai ao campo em busca do seu objeto de pesquisa e, a partir da ação junto ao objeto, construir conhecimento histórico.

MIGRANTES E MIGRAÇÕES EM RORAIMA: CONTEXTO E PRÁTICA DE PESQUISA NO ENSINO MÉDIO

O tratamento didático/pedagógico sobre os aspectos históricos da formação política, econômica e social de Roraima na disciplina de História, permitiu construir saberes históricos escolares (Monteiro, 2009) que fundamentaram trabalhar com um recorte dessa história: o papel dos migrantes e dos processos migratórios em Roraima. Esses processos se constituem como objeto de estudo de historiadores locais como Carla Monteiro de Souza (UFRR), a qual serviu como fundamentação teórica para os alunos do Ensino Médio na prática da pesquisa de campo.

Em se tratando do assunto migrantes e imigrações, consideramos oportuna a abordagem do mesmo já que atualmente o estado de Roraima vem recebendo milhares de venezuelanos em busca de moradia, emprego e ajuda humanitária devido à crise política e econômica que o país vizinho enfrenta desde meados de 2015. Os dados fornecidos pela Polícia Federal mostram que em 2016, o estado recebeu 2230 pedidos de refúgio de venezuelanos e, em 2017, já são 5787 pedidos contabilizados somente até o mês de junho. Tal situação mostra que o fluxo migratório para Roraima, em apenas dois anos, vem aumentando consideravelmente o que, inevitavelmente, gera inquietações na sociedade local. Essas “inquietações” adentram e adentram a escola sob forma de conversas e questionamentos a respeito da presença do migrante no estado (inclusive como aluno das escolas públicas locais). Porém, apesar da intensidade do fluxo migratório venezuelano atual, Roraima já passou por outros processos migratórios intensos os quais modificaram além da questão demográfica, a estrutura econômica e política local. Tais processos ocorreram em passado recente nas décadas de 1980, 1990 e início dos anos 2000 fazendo chegar ao estado milhares de pessoas que vinham trabalhar em garimpo,

ocupar terras públicas doadas para agricultores e fazer concursos públicos para preenchimento de cargos dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário (SOUZA, 2009).

Podemos considerar que o estado de Roraima é lugar de migrantes e, portanto, não é novidade a entrada maciça de pessoas em busca de sobrevivência. No entanto, a pergunta que se fez (se faz) é se os alunos refletiam (refletem) sobre o papel do migrante (das mais diversas origens) na construção da história local. A partir desse questionamento, a realidade local se tornou o ponto de partida para abordagem do papel do migrante na construção identitária de Roraima uma vez que, quase 50% da população atual do estado se constitui de migrantes vindos de várias regiões do Brasil e do mundo e os outros 50% são roraimenses que são ou filhos de migrantes ou nativos locais.

A escolha do tema em questão a ser trabalhado com alunos do Ensino Médio também pode ser justificado a partir da necessidade de se trabalhar conceitos valorativos como respeito a diversidade social, cultural, entre outros e Direitos Humanos pois, atualmente, vemos a crescente onda de preconceito e ataques a migrantes por todo mundo. Nesse caso, a disciplina de História se torna fundamental na ação de tornar possível aos jovens que reflitam sobre a questão humanitária que envolve os processos migratórios em geral ao coloca-los em situação de pesquisadores que, tendo um objeto de pesquisa (migrantes e migrações), conhecimento teórico básico anterior a saída para o campo além de uma metodologia de pesquisa para trabalhar com o objeto, podem, cientificamente, construir por eles mesmos um tipo de conhecimento histórico que dará a si mesmos tanto a experiência pessoal (de empatia, alteridade) quanto uma experiência do fazer, da construção científica do conhecimento histórico. Sobre esse ponto, podemos apontar o que Pinsky & Pinsky (2010: 28) observam: “Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer.” Assim, entendemos que, quando o aluno participa da construção do conhecimento histórico na escola, como agente pesquisador, ele está sendo sujeito ativo do processo de aprendizagem ao mesmo tempo que desenvolve apreço pela disciplina de História.

Schimdt & Cainelli (2010: 54), observam que o ensino de História atualmente, tem como objetivo provocar a reflexão do aluno sobre a realidade em que vive. As autoras destacam que “(...) do ponto de vista didático-pedagógico, só é relevante a aprendizagem que seja

significativa para o próprio aluno”. Nesse sentido, aprendizagem significativa diz respeito ao que o aluno vê como importante na vida dele e também na vida dos outros, o que faz diferença em suas práticas cotidianas relacionados a sua relação com o outro, com o diferente, com o desconhecido. Tal aprendizagem significativa, acreditamos, está essencialmente relacionada a ação do aluno em relação a construção do conhecimento e, nesse sentido, a prática da pesquisa de campo se constitui como método mais adequado.

Considerando a prática de pesquisa de campo, Severino & Severino (2013: 30) destacam que “as estratégias didáticas mais fecundas são aquelas que envolvem uma atividade operacional contínua. É assim que os estudantes construirão, paulatinamente, os seus conceitos”. Os autores defendem que o aluno deve ter oportunizado, por parte dos professores, situações onde “(...) possam vivenciar experiências ou realizar investigações de campo, igualmente com o objetivo de iniciar o trabalho científico. ” O processo de investigação científica, nesse caso, propicia uma aprendizagem significativa a respeito não apenas do objeto de investigação em si (que é uma fonte) como de todo contexto que o inclui. Nesse caso, quando o aluno do Ensino Médio entrevistou o migrante (objeto/fonte) e entrou em contato com aquilo que esse migrante falou a respeito dos acontecimentos da vida dele, da mudança de seu local de origem, dos motivos que o fizeram sair de um lugar vindo a permanecer em outro, pode contextualizar os acontecimentos narrados com os fatos históricos locais e entender esse sujeito como um sujeito histórico, participante e construtor da história.

A METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL APLICADA NA PRÁTICA DE PESQUISA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

A História Oral é uma metodologia de pesquisa que visa coletar informações através dos discursos dos sujeitos os quais se dispõem a compartilhar suas experiências (e que estão de acordo com o objetivo do projeto que as incluiu). Para Meihy & Holanda (2017:15) a história oral é “(...) um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas”. Os autores aqui, chamam a atenção para a questão de que, essa metodologia é composta por procedimentos e é precedida de um projeto de pesquisa o qual deve conter todos os passos para aplicação da mesma: objeto de estudo, objetivos, problematização, justificativa, fundamentação teórica, cronograma e a metodologia escolhida que, nesse caso, é a da história oral.

Sabemos que a inserção da pesquisa de campo na educação básica é de grande valia para aprofundamento da relação ensino/aprendizagem favorecendo o papel ativo do aluno na construção dos saberes escolares. Pedro Demo (2006: 10) diz que a pesquisa é um princípio científico fundamental para educação a qual contribui no processo de emancipação tanto da consciência quanto da ação do existir. Para o autor a prática da pesquisa dá “(...) condição de consciência crítica cabendo como componente necessário de toda a proposta emancipatória”. Assim, percebemos que envolver os alunos na prática da pesquisa em geral e, no nosso caso, na pesquisa de campo, contribui com a formação da cidadania do indivíduo, permitindo que ele tenha a oportunidade de refletir sobre a realidade, agir sobre ela além de tornar-se ativo na produção de conhecimento histórico escolar.

Ao considerarmos a prática da pesquisa de campo como parte importante da formação do aluno do Ensino Médio, escolhemos a metodologia da história oral devido a ser uma metodologia que coloca o aluno pesquisador em contato direto com o sujeito pesquisado (fonte oral) possibilitando uma interação que favorece a empatia e alteridade onde, o aluno aprenderá a partir da experiência do outro, compreender e respeitar as diferenças e similitudes que nos unem como seres humanos. Sendo assim, a educação escolar pode atingir seus propósitos na busca pela transformação social, respeito aos direitos humanos e educação para cidadania uma vez que une a prática da pesquisa de campo e uma metodologia que tem como base a construção de conhecimento a partir da interação entre sujeitos que pertencem à mesma época, mas que tem experiências de vida diferentes.

Para além da questão de valores que consideramos que a metodologia da história oral oportuniza aos alunos em situação de pesquisa, temos a necessidade que os alunos aprendam métodos e técnicas científicas de produção de conhecimento na disciplina de História. Nesse sentido, a metodologia da história oral é uma das diversas opções que podemos ensinar aos alunos, porém, no caso do trabalho com migrantes, se tornou a mais adequada juntamente com a pesquisa bibliográfica e com fontes escritas. Em todo caso, o aluno do Ensino Médio, prestes a adentrar no Ensino Superior, necessita ter contato com os diversos tipos de pesquisa pois, muitos chegam a universidade desconhecendo que terão um papel extremamente ativo na educação superior envolvendo todos os tipos de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a conclusão do trabalho escolar no ano letivo de 2016, os alunos que participaram do projeto de pesquisa com os migrantes em Roraima foram convidados a participar como sujeitos de outra pesquisa, dessa vez como respondentes. O objetivo desse novo trabalho era averiguar as opiniões e aprendizagens dos alunos em relação tanto ao objeto quanto a prática da pesquisa de campo. Dessa forma, os alunos responderam a 6 questões abertas sobre o que aprenderam fazendo o trabalho, se gostaram (ou não) de trabalhar com pesquisa de campo na disciplina de História, quais as percepções deles a respeito da História de Roraima a partir do contato com os migrantes e se já tinham trabalhado com a história local anteriormente durante a escolarização.

Os resultados mostraram que, dos 25 alunos que aceitaram responder a pesquisa, 16 disseram que não conheciam a História de Roraima e não tinham estudado o tema na escola; 21 alunos disseram não terem tido contato com pesquisas de campo na disciplina de história durante toda escolarização e 13 disseram que foi difícil conseguir migrantes dispostos a participar da pesquisa. Inicialmente, esses resultados mostram que, segundo os alunos do 3º ano do Ensino Médio, o conteúdo referente a História Local ou não foi realmente trabalhado nas modalidades de ensino básico onde esses indivíduos foram escolarizados ou que os mesmos não lembram do conteúdo. A hipótese que colocamos de que o aluno possa “não lembrar” do conteúdo, pode ter relação com o fato de que a temática História Local está curricularmente inserida nos primeiros anos da escolarização e, dessa forma, ao mencionar que não estudou a temática o aluno pode estar não lembrando da mesma. De qualquer forma, é interessante que a grande maioria dos entrevistados tenham respondido que nunca estudaram História de Roraima.

Dos 25 alunos respondentes da pesquisa, 21 disseram que nunca haviam feito pesquisa de campo na disciplina de História e, os 4 que responderam que já haviam trabalhado com ela em situação escolar, foi porque tinham tido a mesma professora de História no ensino fundamental 9º ano (2013). Assim, podemos inferir que nem sempre trabalhar com pesquisa de campo seja uma escolha dos professores de História mesmo que isso seja recomendado pelos mais diversos estudiosos da educação. Pedro Demo (2002:15), por exemplo, coloca o professor no centro da proposta de se trabalhar com pesquisa “Cada professor precisa saber propor seu modo próprio e criativo de teorizar e praticar pesquisa, renovando-a constantemente e mantendo-a como fonte principal de sua capacidade inventiva”. Nesse caso, o autor coloca o professor como agente que apresenta a prática de pesquisa aos alunos sabendo que a mesma

serve para construir a cientificidade do conhecimento auxiliando a eles na emancipação intelectual.

Quando indagados sobre o trabalho de pesquisa feito diretamente com pessoas que migraram para Roraima nas décadas de 1980, 1990 e início dos anos 2000, obtivemos respostas como essas: “Achei totalmente relevante pois, se trata não somente sobre a formação do estado pelas mãos de imigrantes que vieram atrás de uma vida melhor e, sim, também a questão econômica do estado” (M/ 17). Aqui o aluno liga o migrante em uma ação que é individual (ajudar a si mesmo a melhorar) como também ao coletivo (onde a economia local tem o incremento do trabalho dessa pessoa o que vai favorecer ao conjunto da sociedade). A relação entre o individual e coletivo que ele estabelece demonstra que a consciência histórica formada permite fazer uma análise crítica e processual do papel do migrante na história de Roraima onde o migrante é agente transformador de si e de outros.

Estevão C. de Rezende Martins (2017:259), ao abordar a questão da formação da consciência histórica geral observa que a mesma se processa “(...) no aprendizado do convívio e da transmissão de conteúdos em família e comunidade”. Porém, para ele a escola é o lugar institucionalizado e tem um papel decisivo nessa formação. Nesse caso, entendemos que a escola sistematiza os conteúdos sobre História que acredita serem necessários a formação do indivíduo como ser social, individual e participante das decisões políticas. Sendo a consciência histórica produto da convivência familiar e escolar, as interações estabelecidas mediante a pesquisa de campo com os migrantes se constituíram como momento onde as aprendizagens se construíram de forma a dar aos alunos, uma noção de como a história de um lugar é a história das pessoas que vivem ali. Essa percepção está inserida na resposta de F/18:

Este trabalho foi uma experiência maravilhosa. Através dele pude conhecer a história de um rapaz, que passou por muitas dificuldades, que não são meramente exemplos de superação, como também a prova de que sonhos podem se tornar realidade. O entrevistado é um imigrante, mas ao ouvirmos a sua história percebemos o quanto é familiar: é o reflexo da história de muitos que vieram para Roraima em busca de uma vida melhor, de realizar e idealizar sonhos. Foi muito bom fazer parte desse trabalho, de adquirir conhecimentos, através da prática de ouvir e vivenciar a realidade de outras pessoas, de se colocar no lugar delas, e também aprender um pouco da formação da sociedade Roraimense, formada por pessoas de vários lugares, e de como estas fizeram de nosso Estado um lugar acolhedor, onde a oportunidade é igual para todos”.

A resposta da aluna evidencia que ela consegue avaliar, pela história de vida de um migrante, o quanto essa história se assemelha a de outras pessoas que ela conhece ou que vivem

em seu meio. Sua percepção a respeito da formação do estado, que continua em processo de formação e construção, é de trazer o passado ao presente conectando as temporalidades e formando uma representação do estado em que vive como “ lugar acolhedor” e onde existe “oportunidade igual para todos”. Tal percepção está de acordo com a abordagem de Jörn Rüsen na questão da formação da consciência histórica pois, podemos ver que os alunos ao refletirem sobre o passado dos migrantes, consideraram a importância que essas pessoas possuem no processo histórico que constitui o estado de Roraima e em como eles (filhos, netos e alunos de migrantes) são parte desse processo migratório no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos sobre a escola, sempre nos vem a memória situações que vivenciamos ao longo de nossa estada entre seus muros sejam essas situações boas ou ruins. De fato, a escola é um lugar que povoa o imaginário social, possui uma história e uma representação social conectada a nossa sobrevivência, inclusive. A importância que o processo de escolarização tem na vida de cada um de nós indivíduos sociais, nos faz refletir sobre as práticas que todos os dias são ensinadas e aprendidas dentro das salas de aula, principalmente quando somos nós, os professores que estão nessas salas.

Como professora de História da rede pública estadual em Boa Vista, RR, procuro refletir sobre como quero que os alunos que estão sob minha responsabilidade, aprendam História e como gostaria que eles a significassem em suas vidas para além do tempo que permanecerem na escola básica. Nesse sentido, considero importante que os alunos tenham a oportunidade de exercitar, na prática, a pesquisa de campo e que, o objeto de estudo do passado esteja ligado ao que ocorre no presente. Assim, ao mostrar aos alunos do Ensino Médio os caminhos de uma pesquisa de campo juntamente com todo o processo de planejamento para execução, além de ensinar uma metodologia de acordo com o objeto de estudo, pensei em adequar a escola às necessidades de aprendizados que esses jovens devem ter, mas que nem sempre a escola dá.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) publicadas pelo Ministério da Educação e Cultura, selecionar e escolher conteúdos para disciplina de História é de responsabilidade do professor e do que o mesmo considera fundamental no aprendizado da disciplina. Assim, ao escolher a temática geral “História de Roraima” e, dessa fazer o recorte “migrantes e migrações”, considere o passado e o presente uma vez que o estado está passando

por um novo processo migratório dessa vez vindo do país vizinho: Venezuela. A temática em questão, permitiu aos alunos conhecerem os motivos pelos quais as pessoas migram, como elas se sentem, o que esperam do lugar para onde vão e como se veem após décadas de permanência no local sendo que, todas essas informações foram coletadas e analisadas por eles mesmos.

A abordagem de um assunto tão atual na vida dos alunos e de todos nós que vivemos em Roraima, como é a migração, possibilitou a eles que vissem na disciplina de História um meio de compreensão dos processos que movem os seres humanos no tempo e no espaço, em seus deslocamentos, mudanças e permanências de lugares além de refletirem sobre os motivos, causas e consequências desses movimentos que, inclusive estão no amago da migração venezuelana atualmente.

Estevão de Rezende Martins (2017: 237) observa que é a experiência no tempo que “exprime a noção de que cada agente racional humano faz história e (...) é por ela feito”. Nesse caso, podemos relacionar que, sendo todos nós agentes históricos e, dependentes do legado de gerações ao longo do tempo, o fazer pesquisa na disciplina de História na educação básica permite a alunos como também aos professores, desenvolver a consciência histórica a qual permite que nos orientemos temporalmente fazendo conexões do passado com o presente e o futuro.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEMO, P. Educar pela pesquisa. 5. ed. Campinas, SP. Autores Associados, 2002.
- FLORENCIO, Rutemara. Recepção e Representações sociais: as minisséries históricas e a produção de significados para a disciplina de História por alunos do ensino médio. Rio de Janeiro, 2011, 120f (Dissertação)
- MARTINS, Estevão C. de Rezende. Teoria e Filosofia da História: Contribuições para o ensino de História. Curitiba, PR, W.A Editores, 2017
- MEC. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias. Volume 3, Secretaria da Educação Básica, 2006
- MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. História Oral: Como Fazer Como Pensar. São Paulo, Contexto, 2017

- PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime. Por uma História Prazerosa e Consequente. In KARNAL, Leandro (org.). História na Sala de Aula – conceitos, práticas e propostas. São Paulo, Contexto, 2004
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. Ensinar História. São Paulo, Scipione, 2010
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. MARTINS, Estevão de Rezende (org.) Jörn Rüsen Contribuições para uma Teoria da Didática da História. Curitiba, PR, W.A Editores, 2016
- SEVERINO, Antônio Joaquim; SEVERINO, Estevão Santos. Ensinar e Aprender Com Pesquisa No Ensino Médio. São Paulo, Cortez, 2013
- SOARES, Olavo Pereira. A Atividade de Ensino de História: Processo de Formação de Professores e Alunos. Araraquara, Junqueira & Marin Editores, 2009
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ, Vozes, 2007
- XAVIER, Libânea. História da História Não Ensinada Na Escola: A História da Educação. In MONTEIRO (Ana Maria); GASPARELLO (Arlette Medeiros); MAGALHÃES (Marcelo de Souza) (org.). Ensino De História: Sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro, Mauad, 2009 pg. 91-103.